

A bênção Pelourinho

Cruzeiro de São Francisco. Terça-feira. 17 horas. Centenas de jovens, predominantemente negros, roupas coloridas — muitas de inspiração africana —, as mulheres, algumas de tranças ou penteados que evocam a "mama África". Nos bares, do Terreiro e do Maciel, rolando a todo volume nas radiolas, o sambareggae ou o reggae da Jamaica, através do canto místico-político de Bob Marley, Peter Tosh ou outras leras deste ritmo. Este cenário é "montado" todos finais de tarde das terças-feiras e "desmontado" lá pelas 23 horas, no Terreiro de Jesus e no Maciel Pelourinho. A "encenação" é real. O espetáculo é a "festa da bênção" que acontece há mais de três séculos, quando os religiosos franciscanos realizam a bênção de Santo Antônio aspergindo água benta sobre os fiéis, na Igreja de São Francisco, localizada no Cruzeiro de São Francisco, Centro Histórico. No interior da igreja, enquanto os fiéis, no final de cada missa (às 16 e 18 horas), recebem gotas de água benta, do lado de fora mendigos estiram a mão a senhoras piedosas, que distribuem pão ou moedas por terem alcançado alguma graça pela intercessão de Santo

Antônio ou, quem sabe, de Ogum? Afinal, terça-feira é o dia desse orixá, que no sincretismo paralelismo religioso afro-católico é identificado por Santo Antônio.

R GALERA

No fundo da igreja ou encostados nos carros estacionados ao longo do Cruzeiro de São Francisco, moças e rapazes, indiferentes à cerimônia católica (mas sem expressar qualquer atitude ofensiva a esta religião), olham-se, realizando a gostosa arte de paquerar. Fora das motivações políticas, há jovens negros que vão à bênção apenas a fim de namorar, como é o caso da trançadeira e manicure Rosemira Santos da Silva, moradora da Rua Lima e Silva, na Liberdade. "Venho todas as terças-feiras aqui para o Terreiro, porque me ligo nos neguinhos. Eles são negões bem bonitos e me deixam na maior vontade de namorar todos eles". Motivação semelhante à de Rosemira tem Robson Oliveira, morador do Largo do Tanque, aliado a uma certa consciência política. "Lógico que venho para a bênção com a intenção de me "armar" com as neguinhas, mas gosto de vir também por causa do pessoal dos blocos afro e do Movimento Negro

Unificado, que dá sempre um alô sobre a discriminação que nós negros sofremos". O frei Hugo Fragoso, da Igreja de São Francisco e professor de História da Igreja, da Universidade Católica do Salvador, em entrevista dada a um periódico local, há alguns anos, confirma em parte a tese de que muitos jovens vão à bênção com intuito de namorar. "No Brasil e em Portugal — diz o religioso — Santo Antônio é venerado como santo casamenteiro. Dai os jovens que querem casar, principalmente as mulheres, vêm à bênção".

SEGUNDA CELEBRAÇÃO

Depois do padre aspergir as últimas gotas de água benta, que geralmente provoca o maior burburinho, pois todos querem ter seus "corpos fechados" através da água de Santo Antônio, terá início a segunda parte da celebração. A galera dirige-se para a Cantina da Lua, do mestre Clarindo, onde terá início o seu Projeto Cultural Cantina da Lua. E mais uma vez a atração será um grupo de samba, ou cantores como Riachão e Claudete Macedo, que vão agitar sambas debochados (dá-lhe Riachão), ou composições românticas, até as 22 horas. Há os que preferem a Cantina Ypiranga (dos

irmãos Conceição e José Juracy, mais conhecido como "Do Mel"), onde é vendido um cravo curtido na cachaça superespetro. É interessante observar que nestes dois bares a maioria dos frequentadores beira a faixa dos 30 anos para cima. Já nos bares do Reggae, de Aurizio Apolinário e dos seus familiares, e no do Cravo, de Wilson Santos, o público é muito mais jovem e curte mais o reggae jamaicano ou o samba-reggae dos blocos afro-baianos. Nestes dois bares, a galera mais jovem, entre um gole de cerveja gelada ou deliciando um cravo bem curtido, dança embalada ao som da dolência do reggae ou agita dançando um samba-reggae, através do som dos elepês do Olodum, Muzenza e Ara-Katu. O proprietário do Bar do Cravo, Wilson Santos, disse que, às terças-feiras, o movimento de venda no seu bar em relação a outros dias da semana aumenta em 70%, só perdendo para o domingo (dia de ensaio do Olodum), onde se registra o maior dia de consumo. "Entre a cerveja e o cravo, esta última bebida vende mais. A maioria do povo negro não tem um bom poder aquisitivo e prefere beber cravo, cujo copo cheio é Cz\$50,00, em vez da cerveja, que está por Cz\$100,00. Com o cravo, a "onda" bate mais rápido do que com a cerveja.

BLOCO E MILITÂNCIA

A maioria dos frequentadores da bênção vem principalmente dos chamados bairros populares de Salvador, como Liberdade, Curuzu, Engenho Velho de Brotas, da Federação, Alto das Pombas, São Caetano, Pernambués e áreas do subúrbio. Noventa por cento deles são ligados a blocos afro ou movimentos negros políticos. É difícil não se encontrar, às terças-feiras, na bênção, presidentes de blocos afro, como Vovô, do Ilê Aiyê, Barabadá, do Muzenza, João Jorge, do Olodum, ou Apolônio, do Oju Obá. Para Barabadá, do Muzenza, ir à bênção significa "encorajar com a negritude bonita, ligada aos blocos, e ouvir os papos culturais que rolam sobre os blocos, e as questões relacionadas com o negro em geral". Uma das figuras mais conhecidas do movimento negro político baiano, a socióloga Luiza Barros, mestra em Ciências Sociais pela UFBA, onde defendeu tese sobre o negro no mercado de trabalho.



Na bênção, um pretexto para o encontro e lazer

através da dissertação "Pecados do Paraíso Racial", falou da importância da bênção como espaço para militância política.

"A bênção tem sido importante em termos de lazer, sobretudo para a comunidade negra, tão carente de recursos que permitam frequentar com assiduidade cinemas e teatros devido ao seus altos preços. É um espaço onde se fazem amizades, se trocam informações. E tem uma importância muito grande, sobretudo para a juventude negra. Os movimentos políticos

negros sempre se utilizam desse espaço para fazer suas panfletagens e outras formas de militância política".

Terreiro de Jesus. Maciel. Terça-feira. 23 horas. O cenário começa a ser desmontado. As radiolas se calam com o último acorde de um samba-reggae do Muzenza, ou de um reggae jamaicano. A galera, cansada, começa a se retirar do palco vivo do Maciel Pelourinho. Mas na próxima terça-feira tem mais. Afinal, toda terça-feira tem "festa da bênção".

Hamilton Vieira



Uma festa com muito ritmo



Dançando o reggae: o ponto em comum